



A transitividade formativa do “eu para o nós”¹: o círculo de cultura de Paulo Freire como estratégia de formação para o ensino dos esportes na licenciatura em Educação Física

The formative transitivity of the “me to the us”: the circle of culture of Paulo Freire as a training strategy for the teaching of sports in the degree in Physical Education

João Márcio Fialho Sampaio

Mestrando em Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
Natal, Rio Grande do Norte – Brasil.
jmarciofisam@gmail.com

Aguinaldo Cesar Surdi

Doutor em Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
Natal, Rio Grande do Norte – Brasil.
aguinaldosurdi@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo descreve uma experiência pedagógica sobre o ensino dos esportes em um contexto de formação de professores de Educação Física, em uma universidade pública na região metropolitana de Natal, no Rio Grande do Norte. Utilizamos o recurso do círculo de cultura de Paulo Freire para sistematizar parte dos encontros da disciplina. A experiência com o círculo de cultura converge em dois momentos formativos distintos no ensino dos esportes: 01) no processo de formação permanente do professor que se forma em diferentes estágios da vida, inclusive ao ensinar, no processo de reflexão e ação constante; 02) ao se conscientizar perante as situações circundantes, o professor promove diferentes maneiras de interpretar um fenômeno (neste caso, o esporte), potencializando a transitividade formativa de outros futuros professores. A experiência destaca a relevância pedagógica do círculo de cultura de Freire, sem, contudo, estabelecer algumas limitações da experiência.

Palavras chave: educação física; formação; esportes; círculo de cultura.

Abstract: This article describes a pedagogical experience on the teaching of sports in a context of training Physical Education teachers at a public university in the metropolitan region of Natal, Rio Grande do Norte. We used Paulo Freire's culture circle resource to systematize part of the discipline's meetings. The experience with the culture circle converges in two distinct formative moments in the teaching of sports: 01) in the process of permanent formation of the teacher that is formed in different stages of life, including when teaching, in the process of reflection and constant action; 02) by becoming aware of the surrounding situations, the teacher promotes different ways of interpreting a phenomenon (in this case, sport), enhancing the formative transitivity of other future teachers. The experience highlights the pedagogical relevance of Freire's circle of culture, without, however, establishing some limitations of the experience.

Keywords: physical education; formation; sports; circle of culture.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

SAMPAIO, João Márcio Fialho; SURDI, Aguinaldo Cesar. A transitividade formativa do “eu para o nós”: o círculo de cultura de Paulo Freire como estratégia de formação para o ensino dos esportes na licenciatura em Educação Física. *Dialogia*, São Paulo, n. 42, p. 1-16, e23016, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/42.2022.23016>.

American Psychological Association (APA)

Sampaio, J. M. F., & Surdi, A. C. (2022, set./dez.). A transitividade formativa do “eu para o nós”: o círculo de cultura de Paulo Freire como estratégia de formação para o ensino dos esportes na licenciatura em Educação Física. *Dialogia*, São Paulo, 42, p. 1-16, e 23016. <https://doi.org/10.5585/42.2022.23016>.

¹ Ver Bossle (2008).

Introdução

O esporte é um fenômeno sociocultural, complexo e multidimensional, que é estudado por diferentes áreas do conhecimento científico (Fisiologia, Biologia, História, Sociologia, Pedagogia etc.) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; GALATTI et al., 2014).

Na Educação Física (EF) o esporte é tido como um componente da cultura humana e, por sua vez, passível de diferentes interpretações.

Na EF escolar se tornou uma das principais práticas, sendo, inclusive, motivo de críticas e negação durante a década de 80 do Século XX (KUNZ, 2004). A relação do esporte com a EF escolar foi tão marcante nesse período a ponto de haver comparações em termos ambivalentes, caracterizando uma prática esportivista da EF (BRACHT, 1986; GONZÁLEZ et al., 2014).

Uma das principais críticas ao modelo esportivista foi feita por Bracht (1986) e pelo Coletivo de Autores (1992). Os autores supracitados afirmam que o esporte ensinado até esse período histórico seguia as intenções da sociedade capitalista e/ou do esporte de rendimento e, por esse motivo, considerava aqueles que eram mais “aptos”, ou os que tinham mais habilidade, em uma situação de meritocracia.

Desde a crítica feita pelo movimento renovador da EF, a partir da década de 80 do Século XX, até a contemporaneidade, o esporte continua sendo um conteúdo relevante para a EF escolar e motivo de vários estudos (CARLAN; KUNZ; FENSTERSEIFER 2012).

Fensterseifer e Silva (2011) compreendem esse processo histórico da EF como um processo de transição, isto é, uma prática que não se acredita mais (esportivização/atividade) e uma que se tem dificuldades de pensar pedagogicamente.

Consideramos que o próprio conteúdo esporte passa por esse processo de transição dentro da EF escolar, pois, na maioria das vezes, é ensinado ainda pela sua funcionalidade tecnicista, desconsiderando a especificidade do caráter pedagógico da escola (KUNZ, 2004).

Nesse íterim, observa-se que diferentes educadores têm influenciado esses dois movimentos na EF escolar, sendo o Prof. Paulo Freire um desses. Percebe-se a influência de Freire nas décadas finais do Século XX, especialmente nas reflexões do Prof. João Paulo Medina (1983), com o livro “A Educação Física cuida do corpo... e mente”, na pesquisa de Doutorado do Prof. Elenor Kunz (1991), da qual culminou no livro “Educação Física: Ensino & Mudanças”, assim como no desenvolvimento do livro “Metodologia do ensino da Educação Física”, do Coletivo de Autores (1992).

Paulo Freire nos ajuda a perceber diferentes maneiras de se aprender e ensinar, todavia, no caso da prática pedagógica do esporte pensando por meio de seus ideais, percebemos ainda certa incipiência na sistematização no contexto escolar.

Acreditamos que o esporte, como um fenômeno sociocultural e como conteúdo da EF escolar, pode ser vislumbrado pela pedagogia do Prof. Paulo Freire mediante alguns aspectos: a) as abordagens atuais da pedagogia dos esportes salientam o princípio da interação entre os indivíduos e o ambiente, colocando o professor como um mediador e problematizador do processo de ensino e aprendizagem dos esportes (BETTEGA et al., 2021); b) no ensino dos esportes, o aluno não é percebido como um banco de informações, em que será depositado o conhecimento pensado por outras pessoas (educação bancária), mas um agente ativo no processo de construção de aprendizagem, pois carrega consigo experiências diversas ao longo da vida (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014); c) o processo de ensino e aprendizagem dos esportes deve ter caráter problematizador, em situações que vão se colocando no contexto (situações de opressão, autonomia, conscientização, liderança, etc.) (BUTLER, 2016; SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014; BETTEGA et al., 2021); d) o esporte ensinado na/pela escola não pode assumir os preceitos hegemônicos e de rendimento socialmente construídos, mas estabelecer uma relação de tensão permanente com os mesmos, da qual possa intervir na possibilidade de reconstruir diferentes maneiras de se praticar esporte (VAGO, 1996); e) o processo de reinvenção do esporte na escola pode instigar processos críticos e emancipatórios em termos de aprendizagem, assim como a possibilidade de novas ideias e experiências (BUTLER, 2016).

Destarte, este estudo, do tipo experiência educacional, objetiva descrever possibilidades da prática pedagógica dos esportes e sua relação com a pedagogia de Paulo Freire, especificamente o desenvolvimento do Círculo de Cultura, relacionado ao tema gerador esporte.

Primeiramente, destacamos algumas reflexões sobre o processo de (trans) formação do professor (primeiro autor) por meio dos esportes, pois acreditamos que toda visão de mundo é suscitada acerca das diferentes experiências que temos durante a vida e, por sua vez, refletem no desenvolvimento da nossa prática pedagógica. Depois, enfatizamos o Círculo de Cultura de Paulo Freire e suas possibilidades com a prática pedagógica dos esportes e, por último, apresentamos uma experiência pedagógica com o método.

Algumas reflexões sobre o processo de (trans) formação do professor sobre a prática pedagógica dos esportes

O esporte não é algo novo na minha vida, pois, desde a minha infância, esteve presente em diversos momentos na minha história. Na fase escolar, a prática de esportes ocorreu em três contextos distintos, quais sejam, nas atividades escolares e não escolares e na mídia televisiva, no entanto, difundidas com o mesmo caráter, de atividade acrítica. Eu, assim como outras crianças e adolescentes, não entendia muitas questões sobre o esporte, apenas queríamos jogar e ver jogos na TV.

A ausência do caráter pedagógico dos esportes na fase escolar me fez um consumidor acrítico desse fenômeno (CORREIA, 2020). Quando ingressei no contexto universitário, tive um impacto muito grande com alguns textos de disciplinas que discutiam o esporte de forma crítica², no entanto, algo me incomodava, pois lia e refletia esses textos em diferentes disciplinas, porém nas disciplinas de prática pedagógica dos esportes não havia, na maioria das vezes, esse caráter crítico e formativo (um paradoxo para mim).

Comumente, as disciplinas sobre prática pedagógica dos esportes na Graduação foram marcadas pela caracterização de movimentos técnicos e pelas possibilidades de utilização destes no meio escolar. Não que eu condene a técnica como algo não importante, mas me gerava um estranhamento o fato de ser só aquilo, sempre me remetia ao texto “Esporte na escola: mas é só isso, professor?” de Betti (1999).

Tal estranhamento me fez tentar reinventar as possibilidades de práticas pedagógicas do esporte no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que foi um programa que me possibilitou a primeira experiência com a docência. Anos mais tarde, defendi meu trabalho monográfico sobre as vivências esportivas no âmbito escolar de ingressantes no ensino superior (SAMPAIO et al, 2020). Nossa ideia consistiu em identificar qual foi a diversidade de práticas esportivas que os alunos tinham vivenciado durante sua trajetória escolar.

Durante esse processo de formação na Graduação, as leituras sobre Paulo Freire adentraram na minha formação indiretamente, em um projeto de extensão que participei no curso de Enfermagem. Naquele momento, li, pela primeira vez, sobre o Círculo de Cultura em um contexto de formação interprofissional, o que me inquietou sobre como utilizar o método na EF escolar, especialmente em temas mais hegemônicos, como os esportes e a saúde.

² A saber: Vago (1996); Stigger (2005); González e Bracht (2012); Kunz (2004); Stigger e Lovisolo (2009).

Paulo Freire me fez perceber que “a partir das relações que se estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor... Por este fato cria cultura” (FREIRE, 1980, p. 38).

Após sair da universidade e trabalhar, durante um ano, no contexto escolar, algo ainda me inquietava, pois não conseguia pensar em como dinamizar o ensino dos esportes por meio dos círculos de cultura na EF escolar. Alguns textos me traziam perspectivas, como no caso de Sousa, Silva e Maldonado (2017a; 2017b), Sousa, Maldonado e Neira (2017) e Françoso e Neira (2014), entretanto eu continuava incomodado com a minha própria prática pedagógica.

Essa inquietação me fez entrar no Mestrado para estudar a fundo o Círculo de Cultura e a EF escolar. A partir de algumas vivências nas aulas do Mestrado e leitura de outros textos, foi possível endossar minha ideia sobre prática pedagógica na EF escolar.

Mais uma vez, eu estava diante da prática pedagógica dos esportes ao cursar uma disciplina como aluno especial do Mestrado, ao mesmo tempo em que, por coincidência, cursava a Docência Assistida, justamente sobre Pedagogia dos Esportes no curso de Licenciatura em Educação Física. Essa via paralela entre ensinar e aprender nos traz a ideia de Freire (2001, p. 259) de acordo com a qual

[...]quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

O arcabouço teórico e o diálogo da disciplina me fizeram refletir sobre muitas questões envolvendo a prática pedagógica dos esportes, pois, além de Paulo Freire e o Círculo de Cultura, outras abordagens, que estudam especificamente os esportes, ajudaram-me a pensar a construção de uma prática pedagógica mais crítica e consciente dos objetivos que se devem ter quando se ensina o esporte na escola.

Considero que alguns aspectos foram fundamentais para uma melhor compreensão sobre a prática pedagógica dos esportes: 1) conhecer os pressupostos epistemológicos sobre o ensino dos esportes, desde o ensino tradicional, por meio do método analítico aplicado ao esporte (ensino das técnicas de forma isolada), até as abordagens contemporâneas (interacionistas), que trazem uma ideia sistêmica do processo de aprendizagem, em que o esporte é ensinado por meio de jogos e estes têm caráter de resolução de problemas que surgem dentro do jogo (BETTEGA et al., 2021; GALATTI et al., 2014); 2) cada abordagem traz consigo elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor fazer ajustes e mediações que façam sentido ao

mundo vivido pelo aluno (CORREIA, 2020); 3) o professor deve utilizar o diálogo e a problematização, favorecendo diferentes leituras e interpretações dos alunos.

Franco (2016) nos alerta que o professor que se preocupa com a construção social, que possui uma responsabilidade com o desenvolvimento pedagógico, que acredita na potencialidade do ensino, que investe e reflete cotidianamente sobre o que se ensina e o que se aprende, está em constante “Vigilância crítica”. É a partir dessa ideia que pensamos a nossa prática pedagógica sobre os esportes, preocupando-nos com o acesso, planejamento, problematização, com as expectativas dos discentes e, sobretudo com a responsabilidade de formar futuros professores.

Nesse sentido, tentamos construir essa experiência pedagógica não como um modelo, mas como uma possibilidade de (trans) formar futuros professores mais críticos e reflexivos, no que concerne ao processo de ensino do esporte para além de gestuais técnicos.

Fases de elaboração e aplicação do Círculo de Cultura e possibilidades pedagógicas com o esporte na escola

O Círculo de Cultura, de Paulo Freire, é um dos legados mais importantes, e que tem sido alvo de discussões na EF escolar, embora ainda timidamente nas tentativas de sistematização de práticas pedagógicas e pesquisas qualitativas da área (NEPOMUCENO et al., 2019).

O Círculo de Cultura eclode, inicialmente, para se contrapor a uma educação fragmentada, imposta e mecânica de ensino. A ideia de Paulo Freire era a de um método que fosse ativo, de cunho crítico, de diálogo horizontal e participante, capaz de colocar em problematização situações existenciais e, ao mesmo tempo, alfabetizar (FREIRE, 1980; BRANDÃO, 2006). Inicialmente pensado para educação de adultos, o Círculo de Cultura se expandiu para diferentes áreas e saberes, incluindo pesquisas sociais e qualitativas na área educacional, na saúde etc. (NEPOMUCENO et al., 2019).

A experiência do círculo de cultura, originalmente, possui cinco etapas, no entanto, a modificação para a utilização de uma abordagem interdisciplinar tem sintetizado tais fases em três principais descritas a seguir.

A primeira etapa é denominada como descoberta/levantamento/investigação temática que se constitui a partir de sentido existencial. São levantadas palavras que detêm uma conotação emocional, ligadas às experiências de vida pessoal, coletiva ou profissional (BRANDÃO, 2006; FREIRE, 1967; GADOTTI, 1996).

A segunda etapa é a tematização. Ela se configura pela relação que se dá entre as palavras geradoras com as situações existenciais de grupos ou pessoas, passando a serem codificadas e decodificadas por meio do diálogo do grupo, buscando um processo de conscientização e

ampliação do olhar sobre o contexto da vida compartilhada entre os indivíduos (DANTAS; LINHARES, 2013; NEPOMUCENO et al., 2019).

A terceira etapa é a problematização. Nessa etapa, busca-se superar uma visão restrita/acrítica/ingênua sobre uma problemática destacada no contexto existencial por uma visão crítica da realidade, buscando um processo de transformação (FREIRE, 1980; FREIRE, 1967).

Pensando possíveis maneiras de se abordar o esporte na escola por meio do Círculo de Cultura de Paulo Freire, elaboramos uma breve descrição de uma experiência pedagógica com a formação de futuros professores no contexto de uma universidade pública na região metropolitana de Natal.

O Círculo de Cultura como estratégia de formação para o ensino dos esportes na Licenciatura.

A partir da disciplina Pedagogia dos Esportes, organizamos 4 círculos de cultura para identificar ideias e experiências que foram surgindo a partir dos encontros. Vale ressaltar que a ideia de se utilizar do círculo de cultura, nessa disciplina partiu do primeiro autor deste trabalho, em uma situação de “Docência Assistida”, e que esses encontros repercutiram apenas parte da disciplina supracitada, limitando-se a apenas esses quatro encontros.

O primeiro encontro versou sobre as possibilidades de compreender as palavras geradoras que correspondiam às situações de vida dos acadêmicos. Nessa etapa, os discentes puderam expor quais eram suas impressões primárias sobre o fenômeno esporte, de maneira geral e no meio escolar. Expressões como: esporte da mídia, esporte participação, esporte de rendimento, esporte e ludicidade, esporte é diversão, esporte é cooperação e competição, esporte é saúde etc., foram surgindo de acordo com as indagações. Contudo, percebeu-se que o repertório conceitual crítico (reflexão) nos pareceu incipiente, indicando algumas fragilidades na concepção ampla sobre o fenômeno.

Dado o primeiro passo, e determinadas as primeiras palavras geradoras, confrontamos os discentes sobre o porquê daquelas palavras ou temas geradores, reverberando em situações existenciais do esporte na vida escolar com propósito de saúde, de diversão e de lazer, ou mesmo de competição, como no caso dos jogos escolares. Outros relataram sobre o consumo de esportes na mídia televisiva ou nas redes sociais e outros citaram o esporte como trabalho também.

Após essas etapas, sentimos a necessidade de confrontar os discentes com algumas literaturas sobre o fenômeno esporte, e como esse fenômeno deve ser percebido e pode ser tematizado na escola. O primeiro texto que foi trabalhado foi o artigo “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista”, do autor Valter Bracht (1986). Apesar desse texto

ser antigo, é visto como um clássico para a área. Consideramos que o conteúdo da obra ainda reflete em muitas práticas atuais, pois, apesar de cada vez mais o esporte ter se popularizado, por vezes, é tratado na escola ainda na perspectiva trazida pelo autor.

A partir desses aspectos, houve um diálogo sobre o texto e sobre como o esporte se propaga em nossa sociedade. Utilizamos o referencial de González e Bracht (2012), assim como as ideias iniciais de Bracht (1986) para compreender a “lógica externa” do esporte, ou seja, aquilo que expande para além das situações corporais dos diferentes esportes: o papel da mídia, a lógica do mercado, a sociedade capitalista, como se dá o acesso aos diferentes grupos sociais, as situações de violência, exclusão, meritocracia etc.

Dialogando sobre essas diferentes representações sociais do esporte, foi possível perceber as três dimensões do fenômeno social esporte: esporte de rendimento/espetáculo, esporte de lazer/participação e esporte educacional (TUBINO, 1992; MARINHO; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2014).

Ao delimitarmos a dimensão de estudo (esporte educacional), compreendemos necessário entender essa dimensão e quais os sentidos do esporte no contexto escolar. Nesse momento, outras palavras/expressões geradoras foram surgindo, tais como “o esporte deve ser inclusivo”; “o esporte deve ser cooperativo”.

Sentimos a necessidade de confrontar os alunos novamente com estudos relevantes da área e referenciados em Fensterfeiser e González (2013), indagamos os discentes: “não haveria esporte sem escola?”, “não haveria inclusão por meio do esporte sem a escola?”, “não haveria cooperação por meio do esporte sem a escola?”, “não teríamos valores por meio do esporte sem a escola?”, “não haveria justiça social sem o esporte na escola?”, “qual o sentido da escola?”, “qual o sentido da EF escolar?”, “qual o sentido do esporte ensinado na escola na EF?” (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2013).

Consideramos que esses aspectos citados anteriormente acontecem em outros espaços não escolares, todavia, o esporte ensinado na EF escolar poderá/deverá dar outra visão sobre essas práticas, um olhar mais crítico, emancipador, que ultrapasse uma visão simplista para uma visão complexa das diferentes formas de manifestação do movimento humano, sem desconsiderar que cada posição que é adotada socialmente, carrega consigo uma visão político/social, e que essa posição pode reverberar em diferentes acessos aos bens e setores sociais, inclusive no esporte (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2013; FREIRE, 2013).

Posteriormente às discussões teóricas sobre o esporte como manifestação cultural que deve ser tematizado na EF escolar, separamos dois momentos teórico/práticos para tematização dos

esportes de invasão na escola. A utilização dos esportes de invasão foi coincidente ao planejamento da Docência Assistida e, portanto, não foi proposital.

Foi utilizado pequenos jogos de invasão para representar alguns esportes, não buscamos, inicialmente, enfatizar uso da técnica ou regras rígidas, mas problematizar o comportamento tático, assim como a tomada de decisão, “o que fazer” e “por que fazer” (*e.g.*, ocupação de espaços vazios, passar a bola ou implemento para todas as pessoas, e não apenas para aquelas mais habilidosas etc.).

O primeiro jogo proposto foi um jogo modificado de handebol, em que os discentes se dividiram em duas grandes equipes, sendo o objetivo de cada equipe trocar passes entre si e tentar chegar à área de arremesso para tentar derrubar um cone fixado como uma trave. Nesse jogo, observamos que os alunos mais habilidosos tinham uma tendência a passar a bola entre si e dificultar que outros discentes tivessem acesso a ela.

Após uns minutos de jogo, fizemos um círculo e fomos discutir o comportamento de cada futuro professor. Perguntamos, inicialmente, se todos estavam contentes com a participação no jogo, ou seja, se todos se sentiam partícipes no processo. Alguns responderam que não estavam conseguindo participar efetivamente. Perguntamos quais modificações poderiam ser feitas para que os discentes pudessem participar de maneira mais efetiva. Então, eles mesmos criaram a regra para haver o arremesso ao cone, de modo que todos os membros da equipe deveriam ter tocado na bola pelo menos uma vez. Os discentes ainda identificaram outra possibilidade de modificação no jogo, pois havia uma dificuldade de acertar o cone, devido à presença de muitos defensores à frente deste. Então, eles prezaram pela não interferência do marcador após o colega adentrar na linha de ataque, isto é, os marcadores só poderiam interceptar jogadas nas linhas intermediárias, sem interferência na “zona de arremesso”. Esses aspectos potencializam o ensino dos esportes na formação inicial mediante o diálogo, a responsabilização formativa, reflexão sobre a ação, engajamento, liderança, negociação das relações de poder e ação comunicativa (FREIRE; 2001; KUNZ, 2004; HOOKS, 2013; LUGUETTI; OLIVERB, 2020).

Ao final do jogo, fizemos outro círculo para discutir algumas questões pedagógicas e comportamentais, já que estávamos no processo de formação inicial de professores. Tentamos problematizar alguns comportamentos durante o jogo, questionando se todos se sentiram importantes dentro do jogo e, se porventura, alguém não se sentiu importante, dizer o motivo. Alguns discentes relataram que, às vezes, não se sentiram participantes, pois tinham dificuldades de tomar decisões dentro do jogo, ou porque não tinham habilidade, assim como as dificuldades

de participação que tinham durante as aulas de EF escolar, quando ainda eram do Ensino Básico etc.

Algumas discentes relataram que se sentiram um pouco inibidas, pois algumas vezes foram privadas de participar dos esportes na infância ou mesmo na EF escolar. Alguns alunos mais habilidosos sempre colocavam em cheque a não participação de outras pessoas, especialmente das meninas, pois, segundo eles, elas não “procuram o jogo”, então, tentamos exemplificar que a participação pode e deve acontecer pela democratização da prática e não pela adequação das pessoas ao jogo.

Essas problematizações durante as aulas são relevantes para o processo formativo, pois, em diversos setores sociais, existem injustiças de gênero, inclusive no esporte. Destarte, refletir sobre esses fatores, em um espaço de formação de futuros professores, parece-nos um processo fundamental de conscientização crítica e de possibilidades de minimizar iniquidades de diferentes formas que são manifestadas socialmente e também na EF escolar (LUGUETTI; KIRK; OLIVER, 2019; LUGUETTI; LUGUETTI; OLIVERB, 2020; SINGEHEBHUYE; SPAAIJ, 2020).

Conforme Kunz (2004), uma das competências que deve se ensinar pelo esporte na dimensão educacional é justamente a capacidade de compreender as individualidades de outros participantes, especialmente aqueles que não possuem tantas habilidades com esportes ou estão iniciando a modalidade.

Fizemos um círculo de aproximadamente 15 minutos, problematizando e descodificando alguns comportamentos (BETTEGA et al., 2021) que podem ser revistos pelos futuros professores e professoras, para que eles e elas façam e refaçam suas leituras de mundo durante sua formação permanente e suas experiências pedagógicas.

Em outro dia, propomos um jogo de futebol, em que os discentes deveriam escolher formas de jogar e implementar as regras. A primeira questão que se colocou foi que eram muitos discentes para o espaço. Então, alguns propuseram fazer em duplas e de mãos dadas. Boa parte da turma concordou e, a partir daí, dividiram-se entre equipes de seis duplas. Propuseram fazer pequenas traves de cones e sem goleiros, para que ninguém deixasse de jogar em linha. Uma outra modificação no jogo foi que apenas um discente da dupla poderia pegar na bola, e o outro seguir sua ação motora, apenas dando possíveis orientações. Após essa etapa, a dupla inverteu a situação de participação de quem manipulava a bola e de quem dava possíveis dicas de como escolher a melhor jogada. Depois liberamos para que os discentes de cada dupla pudessem ficar à vontade para tomar decisões dentro da situação de jogo. Ao final do jogo, fizemos um círculo para discutir a viabilidade do jogo e as sensações dos discentes em se defrontarem com esse tipo de jogo.

Os discentes observaram o jogo como uma possibilidade de intervenção na escola, uma vez que sempre há muitos alunos nas turmas e, na maioria das vezes, só possui uma bola como recurso, então, utilizar o futebol de duplas poderia ser importante para que todos participem ao mesmo tempo, bem como que, minimamente, seja um jogo representativo dos esportes de invasão, especificamente o futebol. Os discentes ainda mencionaram que se colocaram na situação do outro, pois tinham que respeitar seu tempo e suas decisões, já que a tomada de decisão ocorria no calor do jogo, onde um poderia auxiliar o outro na melhor jogada a ser executada.

O jogo possibilitou que alguém mais habilidoso fizesse dupla com outro colega que não se considerava tão habilidoso, para que os dois pudessem se ajudar no processo de jogo, sendo um discente com um papel mais de liderança e o outro com uma escuta e percepção mais ativa.

O Círculo de Cultura é uma importante ferramenta pedagógica para o ensino dos esportes na EF escolar, pois possibilita diferentes visões e reinvenções acerca do fenômeno, especialmente no processo de acesso e equidade dos alunos, no que tange aos grupos minoritários. Por ser um espaço de diálogo, o Círculo de Cultura abre espaço para a construção e reconstrução de propostas coletivas, de uma transitividade crítica em relação ao conhecimento da EF escolar para outros contextos sociais (SOUSA; MAFRA, 2016; FRANCO, 2016).

Ao final da semana do Círculo de Cultura, fizemos um outro encontro para dialogarmos sobre as experiências durante a semana. Os discentes puderam tirar dúvidas sobre os jogos, tecer proposições e críticas aos professores da disciplina, assim como rever alguns aspectos no que tange ao “ser professor”.

Considerações finais

Na tentativa de sistematizar uma prática pedagógica com os esportes, por meio do Círculo de Cultura de Paulo Freire, percebemos que é possível desenvolver um planejamento e uma prática pedagógica dentro das características freirianas, primeiramente pensando o ensino do esporte na escola a partir de uma perspectiva interacionista e que tem diferentes atores nesse processo.

O caráter dialógico e formativo da experiência resultou em um processo de tensão da relação de “atividade esportiva” – vivenciada, até então, pelos discentes, para uma construção pedagógica dos esportes, *i.e.*, de uma visão ingênua para uma visão crítica e emancipatória sobre esse elemento da cultura. O esporte, visto, até então, pelos discentes a partir de uma perspectiva utilitarista, passou a ser refletido, criticado, praticado e reinventado de diferentes maneiras, assumindo-se um fenômeno polissêmico e multidimensional (inter-relacionado a outros

fenômenos como a mídia, a educação, gênero, capitalismo, política, injustiça social, meritocracia etc.) no contexto de formação de professores.

Consideramos que tanto o professor, quanto os discentes, trazem consigo diferentes experiências da sua vida social e escolar, e que estas precisam ser refletidas, discutidas e problematizadas.

Mediante as situações que iam se colocando nos momentos práticos, foi possível fazer alterações e modificações para que todos participassem de maneira ativa e dinâmica no processo de ensino e aprendizagem.

Oportunizamos aos futuros professores tomarem atitudes de lideranças em situações de opressão ou de exclusão, tomando consciência sobre suas próprias ações, assim como de outros colegas.

Pensamos estratégias coletivas de reinventar o esporte sem perder sua lógica de participação.

Nesse sentido, consideramos possível uma prática pedagógica de ensino dos esportes, utilizando o recurso do Círculo de Cultura de Paulo Freire. No entanto, percebemos alguns limites nesta experiência, pois, precisaríamos de mais tempo de prática para identificarmos melhor a efetividade do método, assim como a incipiência de produção acadêmica sobre o Círculo de Cultura, na EF escolar, nos limita a fazer outras proposições práticas. Portanto, é importante que haja mais produções sobre o Círculo de Cultura de Paulo Freire e a sua utilização no ensino dos esportes na escola, para que se substituam práticas colonizadas por práticas reinventadas e criadas pelos atores sociais.

Referências

BETTEGA, Otávio Baggiotto *et al.* Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. *Revista Inclusiones*, v. 8, n. esp, p. 185-213, 2021. Disponível em: <http://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3008>. Acesso em: 02 jun. 2022.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor?. *Motriz*, v. 1, n. 1, p. 25-35, 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/jmarc/Downloads/ESPORTE%20NA%20ESCOLA%20MAS%20%C3%89%20S%C3%93%20ISSO%20PROFESSOR.pdf>. Acesso em: 24 de jun. 2022.

BOSSLE, Fabiano. *O “eu” do “nós”: o professor de Educação Física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de Porto Alegre*. 2008. 342 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

BRACHT, Valter. “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista”. *Ver. Bras. Ciênc. Esporte*, v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986. Disponível em: <https://sitealanrocha.files.wordpress.com/2009/07/a-crianca-que-pratica-esporte.pdf>. Acesso em: 04 de jun. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BUTLER, Joy. *Playing Fair: Using student-vented games to prevent bullying teach democracy, and promote social justice*. Champaign, IL: Human Kinetics, 2016.

CARLAN, Paulo.; KUNZ, Elenor.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar: Estudo de Caso de uma prática pedagógica inovadora. *Movimento*, v. 18, n. 4, p. 55–75, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29643> . Acesso em: 05 jun. 2022.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREIA, Mesaque Silva. *Empowerment* de professores e alunos por meio da pedagogia do esporte. *Periferia*, v. 12, n. 1, p. 280-299, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/33990/33162> . Acesso em: 24 de jun. 2022.

DANTAS, Vera Lucia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: *BRASIL. II Caderno de educação popular em Saúde*. DF: Ministério da Saúde, 2014.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo.; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Desafios da legitimação da Educação Física na Escola Republicana. *Horizontes - Revista de Educação, [S. l.]*, v. 1, n. 2, p. 33–42, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/3163> . Acesso em: 7 jun. 2022.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo.; SILVA, Marlon André. Ensaçando o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, v. 33, n. 1, p. 119-134, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/wFBmNBzZMv5KsfdVQzDzJbb/?format=html&lang=pt#> . Acesso em: 01 de jun. 2022.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. bras. Estud. pedagóg.*, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/jmarc/Downloads/Pr%C3%A1ticas%20pedag%C3%B3gicas.pdf> . Acesso em: 25 de jun. 2022.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e de participação. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 18, n. 2, p. 511–530, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637507>. Acesso em: 29 set. 2022

- FRANÇOSO, Saulo.; NEIRA, Marcos Garcia. Contribuições do legado freireano para o currículo da Educação Física. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, v. 36, n. 2, p. 531-546, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/fhBMgZf9Nb78DCfVQNts37q/abstract/?lang=pt#:~:text=O%20presente%20artigo%20incita%20o,rigorosidade%20met%C3%B3dica%20e%20cultura%20popular> . Acesso em: 25 de jun. 2022.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?lang=pt#> . Acesso em: 24 de jun. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [Tradução: de Kátia de Mello e Silva: revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – 3. Ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança* [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. *Revista da Educação Física / UEM*, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i1.21088> . Acesso em: 04 de jun. 2022.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, 2012.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime *et al.* Sentidos e significados do ensino do esporte na educação física escolar: deslocamentos históricos e proposições contemporâneas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B (Org.). *Legados do esporte brasileiro*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KUNZ, Elenor. *Educação física: ensino e mudanças*. 1. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 6. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- LUGUETTI, Carla.; KIRK, David.; OLIVER, Kimberly L. Towards a pedagogy of love: exploring pre-service teachers’ and youth’s experiences of an activist sport pedagogical model. *Physical Education and Sport Pedagogy*, v. 24, n. 6, p. 629-646, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17408989.2019.1663499>. Acesso em: 28 de set. 2022.

LUGUETTI, Carla.; SINGEHEBHUYE, Loy.; SPAAIJ, Ramón. Towards a culturally relevant sport pedagogy: lessons learned from African Australian refugee-background coaches in grassroots football. *Sport, Education and Society*, v. 27, n. 4, p. 449-461, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13573322.2020.1865905> . Acesso em: 28 de set. 2022.

LUGUETTI, Carla.; OLIVER, Kimberly L. A transformative learning journey of a teacher educator in enacting an activist approach in Physical Education Teacher Education. *The curriculum Journal*, v. 32, n. 01, p. 118-135, 2020. Disponível em: <https://bera-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/curj.81>. Acesso em: 28 de set. 2022.

MARINHO, Alcyane.; NASCIMENTO, Juarez Vieira.; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Org.). *Legados do esporte brasileiro*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014.

MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo e... “mente”*: bases para a renovação e a transformação da Educação Física. – Campinas: Papirus, 1983.

NEPOMUCENO, L. B.; CAVALCANTE, J. A. M.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Círculo de cultura como componente qualitativo da pesquisa em Educação Física: reflexões teórico-metodológicas. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55524> . Acesso em: 4 jun. 2022.

SCAGLIA, Alcides José.; REVERDITO, Riller Silva.; GALATTI, Larissa Rafaela. A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B (Org.). *Legados do esporte brasileiro*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014.

SAMPAIO, João Márcio Fialho *et al.* O esporte na vida escolar: um estudo a partir das experiências de acadêmicos de Educação Física. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6319/6244> . Acesso em: 24 de jun 2022.

SOUSA, Claudio Aparecido.; MAFRA, Jason Ferreira. Formação de professores e o currículo cultural da educação física: uma etnografia sobre a prática pedagógica. *Dialogia*, n. 24, p. 179-192, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/6861/3291> . Cesso em: 24 de jun. 2022.

SOUSA, Claudio Aparecido de.; MALDONADO, Daniel Teixeira.; NEIRA, Marcos Garcia. Círculo de cultura e educação física: a tematização do funk na escola. *Kinesis*, [S. l.], v. 36, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/27299> . Acesso em: 25 jun. 2022.

SOUSA, Claudio Aparecido de.; SILVA, Peterson Amaro da.; MALDONADO, Daniel Teixeira. Muito além da prática pela prática: Educação Física como componente curricular da educação básica. *Cadernos de formação RBCE*, v. 8, n. 1, p. 56-66, 2017. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2256> . Acesso em: 25 de jun. 2022.

SOUSA, Claudio Aparecido de.; SILVA, Peterson Amaro da.; MALDONADO, Daniel Teixeira. Círculo de cultura e Educação Física escolar: reflexões de um docente sobre a sua prática pedagógica. *Cadernos de formação RBCE*, v. 8, n. 2, p. 9-19, 2017. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2257> . Acesso em: 25 de jun. 2022.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo.; LOVISOLO, Hugo. *Esporte de Rendimento e Esporte na Escola*. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

TUBINO, Manoel José Gomes. *As dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. *Movimento*, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228> . Acesso em: 6 jun. 2022.